

## Arca russa: produção cartográfica em uma sala de aula da educação de jovens e adultos

Um Flâneur numa Escola do Brasil é a Arca Russa, onde as personagens do território da EJA vão aparecendo e mostrando-se dentro da narrativa para, ao final, fazer um plano-sequência dando passagem às marcas visíveis produzidas por eles, junto a Cartografia —prática metodológica relacionada à produção da subjetividade humana, usada no processo investigativo para problematizar a escola—. Como dispositivo acionador e de intervenção em sala de aula aplicaram-se oficinas de geometria para deslocar as relações educador-educando e dessa maneira fazer com que suas linhas se apresentem nas relações de poder que impedem um ambiente dialógico na sala de aula, para assim, produzir um panorama educativo, desvendar o não oculto nos espaços habitados pelos estudantes. Espera-se que seja um elemento acionador para discutir e refletir a realidade da EJA contada por seus próprios protagonistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** relações de poder, ensino da geometria, mapas narrativos, produção de subjetividade.

## Arca rusa: producción cartográfica en un aula de educación de jóvenes y adultos

Un Flâneur en una Escuela de Brasil, es el Arca Rusa, donde los personajes del territorio de la educación de personas jóvenes y adultas van apareciendo y mostrándose dentro de la narrativa para, al final, hacer un plano-secuencia dando paso a las marcas visibles producidas por ellos, junto a la Cartografía —práctica metodológica relacionada a la producción de subjetividad humana, usada en el proceso de investigación para problematizar la escuela y el aula—. Se hicieron talleres de geometría como dispositivo de intervención para desplazar las relaciones educador-educando y posibilitar que sus líneas se presenten en las relaciones de poder que impiden un ambiente dialógico en el salón de clases, para así producir un panorama educativo, revelar lo no oculto en los espacios habitados por los estudiantes. Se espera que sea un elemento para discutir y reflexionar sobre la realidad de la EPJA contada por sus propios protagonistas.

**PALABRAS CLAVE:** relaciones de poder; enseñanza de la geometría; mapas narrativos; producción de subjetividad.

## *Russian ark: production cartographic of a classroom of youth and adult education*

A Flâneur, a school in Brazil, is the Russian Ark where the characters of the inhabited territory of the EJA are appearing and showing up in the narrative to make a sequence-plan through cartography —methodological practices related to the production of human subjectivity and used in the researching process in order to understand school and classroom- in order to give visible marks produced by them. Geometry workshops as a trigger device and intervention in the classroom were applied in order to shift the teacher-student power relationship that impedes dialogic environment in the classroom as well as to produce an educational panorama, to reveal the not hidden in the spaces inhabited by students and, above all, is expected to be a trigger element to discuss and reflect the reality of EJA told by its own protagonists.

**KEYWORDS:** power relationship, teaching geometry, narrative maps, subjectivity production.

\* Colombiana. Magister y Estudiante de Doctorado en Educación Matemática. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” UNESP, Campus Rio Claro, Brasil. CE: paolaamaris@gmail.com

# Arca russa: produção cartográfica em uma sala de aula da educação de jovens e adultos

■ PAOLA JUDITH AMARIS RUIDIAZ

Peço licença para terminar soletrando a canção de rebeldia que existe nos fonemas da alegria: canção de amor geral que eu vi crescer nos olhos do homem que aprendeu a ler.

TIAGO DE MELLO (1982: 30).

## Introdução

Este texto é o resultado de um processo de subjetivação, de afetação e, sobretudo de resistência. Na medida em que se mergulha na memória, e logo depois de atravessar o mestrado, não há como fugir, pois ficam afetações que atravessam nosso ser que precisam ser escutadas, já que o corpo susurra, e as subjetivações produzidas ainda são sons surdos. Assim, vamos contar algumas histórias, mas são histórias por eles contadas —*personagens rítmicas*. Elas têm suas próprias vozes e precisam ser escutadas, cada personagem tem sua própria vida, e essa voz precisa ser tão forte como uma onda que atravessa cada poro da pele e deixa por si só uma partícula de areia— rastros. Portanto, este texto tratar-se-á da Arca Russa.<sup>1</sup> Nosso barco, com um narrador em Off, dentro de um território melódico fazendo emergir os ritmos que sempre estiveram ali, mas até agora estão sendo ouvidos por meio dos mapas narrativos<sup>2</sup> —as marcas/linguagem. Aparecem personagens com as quais conheceremos a escola, suas vidas e seus sonhos.

Quem nos guiará? Arca Russa: nosso barco, um movimento que começa desde a escola, na sala de aula, oficinas de Geometria — dispositivo acionado para produzir junto com os estudantes, assim como os mapas narrativos — usados como elementos de diálogo com os entrevistados por meio de desenhos e dessa maneira, compor. Compor? Sim, isso mesmo. Tecer, descrever, narrar, escutar-se, ser escutado, tentado visualizar as marcas e criar a história de cada personagem, aliás, é um

1. Filme Russo do ano 2002 dirigido por Aleksandr Sokurov.

2. “[...] consistem em desenhos feitos pelos pesquisados a partir de temas propostos pelo pesquisador. Tais desenhos são acompanhados de narrativas dos pesquisados — que podem ser apontadas, gravadas e/ou filmadas pelo pesquisador — relativas não só ao desenho, mas de tudo que estes entenderem como necessário para contextualizar e dar sentido ao que está sendo desenhado” (Silva et al., 2013: 2).

processo cartográfico<sup>3</sup> de um semestre. Seremos, também, a câmera detrás de cada personagem, fazendo junto com eles um flâneur, como Baudelaire nos conta quando descrevia a sociedade contemporânea. Aqui não pretendemos justificar e muito menos compreender, pretendemos mostrar suas fraturas, desejos, produções de subjetividades, e por isso usamos o filme *Arca Russa* para que seja nosso fio condutor da história.

Qual história? Aqui pretendemos olhar a realidade de uma escola localizada na cidade de Rio Claro, no estado de São Paulo, produzindo com as personagens e suas histórias uma escrita não linear, construída junto com a adição de dados da pesquisa como parte de nossa política de narrativa (Passos & Barros, 2009). Com a escolha de não separar dados produzidos e praticados, assim como teoria. Dessa maneira, tentaremos produzir realidade, efeito das relações de poder percebidas e constituídas no território habitado, quer dizer, “nesse sentido conhecer a realidade é acompanhar seu processo de constituição”, assim, segundo Foucault:

A realidade com que lidamos emerge do processo de produção de saber, efeito do movimento convergente de forças, de caráter discursivo e não discursivo – duas modalidades de práticas distintas, porém em relação de reciprocidade constante que produzem realidades [...] as práticas não discursivas ou de visibilidade referem-se às ações mudas dos corpos e criam modalidades de ver. Ou seja, a realidade é resultante de modos de ver e de dizer produzidos num determinado momento histórico. (Escóssia e Tadesco, 2009: 95).

## A Arca Russa

### *Em que lugar estamos?*

Há uma poesia de Antônio Machado que se chama *Cantares*. Permita-nos colocar esta bela poesia de fundo na escrita deste texto, mas antes disso, a você leitor esperamos que esteja confortável e pense nessa poesia como se fosse uma música que vem na sua cabeça e não consegue parar de cantá-la. Pronto, aqui está a música: “Caminhante, são tuas pegadas o caminho e nada mais caminhante, não há caminho, se faz caminho ao andar. Ao andar se faz caminho e ao voltar a vista atrás se vê a senda que nunca se há de voltar a pisar. Caminhante não há caminho senão há marcas no mar” (Machado, 1989).

\* \* \*

Já tendo a música, o corpo e a vontade, vamos entrar devagarzinho na escola:<sup>4</sup> Um céu azul escuro, estrelas, uma lua branca iluminando o caminho antes de chegar ao meu primeiro dia na escola. Uma grade interpondo no meio, uma porta. Uma vigilante. Abrem as portas. A escola. Começa as-

3. É um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (Deleuze e Guattari, 1995; Guattari, 1986), um caminho que nos ajuda no estudo da subjetividade dadas algumas de suas características [...] não comparece como um método pronto [...] A cartografia é um procedimento ad hoc, a ser construído caso a caso [...] Um método processual vai se fazendo no acompanhamento dos movimentos das subjetividades e dos territórios (Kastrup, 2010: 76).

4. Trechos do caderno de registro do pesquisador no processo do trabalho de campo (Ruidiaz, 2014: 19).

sim meu caminho: um corredor —percebendo diferentes falas, formas de sentar-se, de aproximar-se, de sorrir, de perguntar, de agir. Corpo presente como eles, humana, sentindo medos, um novo território diante de mim, pessoas cheias dos mesmos medos, ou talvez diferentes aos meus. Não leio mentes, mas percebo meu corpo tornando-se corpo vibrátil.<sup>5</sup>

Hoje é meu primeiro dia na escola, não é difícil se sentir nervosa. É minha primeira visita numa escola do Brasil, além disso, para agravar meu estado, é na EJA (Educação de Jovens e Adultos). Pessoas inclusive mais velhas que eu. Mas estou com toda minha disposição e meu corpo aberto para receber tudo o que eles queiram me mostrar, mas pensando também que a melhor maneira de chegar a um território é sendo um corpo vibrátil, como diz Rolnik, assim vamos nessa...

É uma escola pequena com cursos desde a primeira até a oitava série — escolhi esta última série devido seu conteúdo curricular, pois ali estavam trabalhando geometria. Sinto uma sensação de ser uma escola fria e inclusive, mais escura do que o normal. Não sei se conseguirei passar minhas sensações. É de noite, mas aqui dentro se faz mais escuro. É num primeiro e segundo andar onde se encontram as salas e um só corredor as dividindo em duas, ou seja, cada sala está localizada uma em frente da outra, como se fosse uma fila de salas. No térreo tem um corredor que eu denominei o “passadiço segredo” caminho para chegar à diretoria, dá até medo passar por ali, pois sempre está fechada e é uma entrada bem restringida. Inclusive possui uma porta com boa segurança e, além disso, com uma pessoa que controla a entrada, por isso falo da sensação do medo ao entrar. Como se vê, era pouca a comunicação com as diretoras.

No térreo, ficava também o restaurante estudantil, a cantina, e ao lado dela, uma sala com uma cuíca e alguns jogos, mas é uma sala que poucos estudantes utilizam só para algumas atividades. No primeiro andar ficava também uma pequena sala de professores que pelo que percebi, era só para ficar na mudança de horário e no recesso, não parecia uma sala de professores, para mim parecia uma sala de estar de uma casa, com uma mesa, um sofá e uma televisão.

\* \* \*

Durante um semestre caminhei pelos corredores fazendo um flâneur como diria Baudelaire, conversava com as pessoas, sorria junto com elas, e nessas caminhadas sempre tinham duas pessoas que eram as encarregadas da vigilância da escola, duas profissionais formadas em Pedagogia. Perguntavam-me muito sobre a universidade, se era difícil fazer pós-graduação, queriam muito pesquisar e ser professoras, sonhos por cumprir. Mas para elas era um sonho um pouco inalcançável, porque se formaram em instituições privadas e sentiam que não tinham opção de entrar na universidade na pós-graduação.

Numa dessas conversas, fiquei pensando em um incômodo. Será que existe um desejo de ser de dentro? Esse desejo de ser parte de uma instituição, de estar dentro da sala de aula como professora, pois esses eram seus sonhos. Segundo Deleuze (2005: 103) “mas um lado de dentro que seria mais profundo que todo mundo interior”. As linhas que perpassam numa escola não só atravessam os

5. Segundo Rolnik (1987), primeiro o olho vibrátil, que faz com que o olho seja tocado pela força do que vê. Segundo, a pele é um tecido vivo e móvel, feito das forças/fluxos que compõem os meios variáveis que habitam a subjetividade. Nesse momento, nosso olho vibrátil capta na pele uma certa inquietação, como se algo estivesse fora do lugar ou de foco.

seus estudantes numa sala de aula, a escola é parte de um tudo e pode agenciar a qualquer pessoa que fique dentro dela. Como disse Deleuze (2005: 105) “sou eu que me vejo como o duplo do outro: eu não me encontro não exterior, eu encontro o outro em mim (trata-se de mostrar como o Outro, o Longínquo, é também o mais Próximo e o Mesmo)”. Nesse caso, as linhas de subjetivação que atravessam essas pessoas podem ser vistas como o duplo do outro, querer ser parte desse dentro por meio dos seus sonhos, serem professoras.

Continuando com esse flâneur, vou me deter na sala de aula, e houve uma interação que resultou um encontro impactante nessa primeira chegada:

\* \* \*

Esse dia começou com atividade de leitura e no meio dessa atividade, em que cada um tinha o material de apoio da EJA, alguém chega, aproxima-se e entrega-me o livro. Abre-o, indica-me a página e disse-me: “leia com nós”. Eu só consegui sorrir e falar: obrigada. Não esperava isso de ninguém, fiquei surpreendida por tanta atenção. Fizeram-me sentir à vontade, lendo junto como eles.

Depois da leitura, tinham que responder as questões do livro sobre a leitura e, ao final, ler as respostas das perguntas. Assim foi como se desenvolveu essa aula, continuamente outra pessoa aproximou-se e perguntou-me: “Você de onde é?” olhando para ele, respondi: “sou da Colômbia”, seguidamente respondeu: “ahh!! Fala colombiano”, eu com um leve sorriso ao escutar sua resposta lhe respondi, “eu falo espanhol”.

Depois de algumas aulas mais —foram cinco semanas como observadora: assistindo aulas de História, de Língua Portuguesa e de Matemática, porque os professores me convidavam para suas aulas e eu simplesmente me deixava levar—. Percebi algumas coisas em comum dentro delas. A primeira aula que assisti não mudou muito depois de continuar assistindo-as, porque o “esquema didático” era sempre o mesmo, no sentido de sua repetição. Usava-se o livro como base de leitura, alguns liam em voz alta e depois disso respondiam questões. Enquanto a matemática apresentavam os conceitos, exemplos e faziam as correções dos exercícios na lousa. Esses exemplos começavam desde o mais básico até os mais difíceis.<sup>6</sup>

\* \* \*

A interação educador-educando ficava nula, pois, usando as palavras de Freire, os professores ficavam como meros “narradores”, ou seja:

Narração de conteúdos que, por isto mesmo, tendem a petrificar-se ou fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. Narração ou dissertação que implica um sujeito — o narrador— e objetos paciente, ouvintes — os educandos. (2002: 57).

Isso mesmo acontecia na sala de aula, mas a posição dos estudantes, também, era apenas a de ouvintes que, além disso, limitavam-se a cumprir seus labores, —tendo como consequência disso a

6. Trechos do caderno de registro do pesquisador no processo do trabalho de campo (Ruidiaz, 2014: 30).

condução à memorização mecânica do conteúdo narrado, que, pelo que observei, era o “normal” das aulas feitas nessa escola.

Por exemplo, segundo a fala de duas estudantes,

Andrea: “A professora passa um exercício e explica, passa outro e a gente tem que se virar e fazer”. Aí se a gente não der conta, ela passa outro e passa outro para a gente fazer... ela vai tentando a gente a fazer. Ela passa a conta, explica e a outra, a próxima, a gente faz sozinha. Aí, se ela ver que tem muita dificuldade, ela passa mais uma, duas, explica de novo e passa mais algumas para a gente fazer sozinha.”

Maria também comenta, a professora faz entender. Ela vai na lousa e faz entender. “Vocês entenderam?” “Não”. Ela explica de novo. “Vocês entenderam?” “Não”. Ela explica de novo “Entendeu?” Ela é assim. “Então espera aí que eu vou explicar de novo, presta atenção aqui é assim...”

Como fraturar e acionar devires outros dentro de uma sala de aula? Será que se podem criar outros modos de estar dentro de uma sala de aula? Será que arrisco ou faço o mínimo para fraturar essas linhas de poder que se criam dentro da escola, da sala de aula e, sobretudo, na relação educador-educando? Essas foram minhas perguntas no tempo percorrido na escola e, ainda mais, quando tinha oficinas de geometria para serem feitas na sala de aula. Assim, também, fiquei me perguntando: minhas intervenções com as oficinas dariam conta disso? Era um risco assumido, desde que cheguei à escola, inclusive passar pelo risco de reproduzir o mesmo. Não é fácil fugir dessas armadilhas, não é fácil fraturar o mesmo sistema de ensino, mas também sei que não é impossível e depende do mínimo para fazer acionar alguma coisa.

Dessa maneira, cheguei com as oficinas na sala de aula. Primeira atividade:

\* \* \*

Depois de mais de um mês observando, chegou o dia. Um 26 de setembro, por fim estou frente a vocês falando, essas foram minhas primeiras frases: expliquei o material que tinha na minha mão e o que tinham que fazer. Também, respondi algumas dúvidas, por exemplo: o tempo que iria ficar com eles, quantas atividades iria ter. Eles só fizeram uma pergunta antes de começar a atividade: tudo iria ser avaliado? Nesse momento, interviei a professora de Matemática respondendo: qualquer atividade dentro da sala de aula será avaliada, assim, iniciamos nossa atividade. Abri a bolsa para lhe entregar a cada um seu material, pois a primeira oficina era a exploração das figuras geométricas. Entretanto, comecei a perguntar se conheciam o Tangram. A maioria só moveu a cabeça para indicar não...<sup>8</sup>

\* \* \*

Assim, transcorreram as oficinas: caminhando pelo Tangram, Escalas de Cuisenaire, filme o Pato Donald e o mundo da Matemática, trabalhos grupais, e muitas conversas, todas essas atividades feitas na sala de aula -pesquisa de intervenção-. Trabalhando dois grandes temas: o teorema de Pitágoras e teorema de Tales. Sendo uma surfista, pois esta não se prepara para o que ela já sabe, mas exercita-se, disciplina o seu corpo para estar preparado diante da onda que ela ainda não viu. O

7. Os nomes dos entrevistados são fictícios por pedido deles (Amaris-Rudiaz, 2016).

8. Trechos do caderno de registro do pesquisador no processo do trabalho de campo (Rudiaz, 2014: 35).

acontecimento do impossível (Pires, 2006: 177), ao devir, aberto à aventura porque habitou um território existencial onde tanto ela como outros participantes da pesquisa habitam, interagem, produzem movimentos, fluxos e caminhos outros.

Ao habitar o território – a escola – tenta-se sentir, perceber os movimentos, os fluxos, as linhas de força (de poder e resistência), a produção de subjetividade, etc. Para isto, a pesquisadora devora, desenha, faz uma escrita, uma narração. Para olhar esses processos dentro da rede. “Dar língua para afetos que pedem passagem”. Assim, a cartografia<sup>9</sup> lança mão de vários procedimentos para a produção de dados. Baseado em Passos, Kastrup e Escóssia (2009), Bovo, Gasparotto, Rotondo e De Souza, (2012), Ruidiaz (2014), e (De Souza e Tuchapesk, 2015), usamos os Mapas Narrativos com a intenção de estabelecer uma relação dialógica, pois toda narrativa é um relato, uma viagem “é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem” (Rolinik, 1989: 23). Assim, produzem-se dados, mas não se está à procura deles, mas, sim, dos encontros.

Dessa maneira, lançamos mão dos *mapas narrativos*, reunimos as histórias com suas próprias vozes, onde apareceram as personagens que emergiram da sala de aula da oitava série da nossa escola habitada. Personagens com suas próprias marcas, personagens rítmicas, melódicas que fazem vibrar e espalhar ondas dentro da sua sala de aula. Percebendo seus medos, suas resistências. Aqui os ritmos criam suas próprias melodias e nosso fio condutor (Arca Russa) nos ajudará nesse caminho.

A Arca Russa, filme de Alexandr Sokúrov, durante 90 minutos um narrador oculto junto com sua câmera nos faz viajar no tempo, recria a história da Rússia por 35 salas do Museu Hermitage, em São Petersburg. Um plano-sequência usado para caminhar junto com um narrador em *off* que nos diz que já está morto, ou seja, um fantasma percorrendo diferentes cenas da história da Rússia, interagindo com a personagem principal do filme o Marquês de Custine. Eles compartilham livremente com as personagens que aparecem nas cenas. Assim, caminhando com essa miragem cinematográfica, se faz nosso flâneur. Convidamos a nosso leitor a caminhar conosco, junto com nossas personagens rítmicas. Rítmicas? Sim, porque segundo Deleuze, o território é feito de passagens melódicas, pois “Há território a partir do momento em que há expressividade do ritmo”. A noção de expressão ganha aqui destaque. O território é uma assinatura expressiva que faz emergir ritmos” (Alvarez e Passo, 2009: 132).

Por esta razão, usando os mapas narrativos, decidimos fazer um flâneur nas vidas de algumas pessoas da sala de aula da oitava série. Esses mapas são parte do processo cartográfico, mas, tentando não descrever, só narrar o que aconteceu nesses encontros. Dessa maneira, nos ajuda a visibilizar o não oculto, isto é, cada história é uma marca de vida. Por esse motivo mostramos quatro personagens que faziam parte de nosso grupo de pesquisa.

### **Personagens rítmicas: Andrés**

Aparece a primeira personagem rítmica, é assim como começo com Andrés. Aquele menino de 17 anos, moreno, olhos pretos, com uma mirada profunda, sentado sempre na última fila da sala. Ao redor dele, sempre as mesmas pessoas. Com uma voz forte, sempre se fazia sentir na aula. Falava

9. Neste texto usamos os termos “cartografia” e “cartografar” no sentido dado por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*, V. 1. O ato de “construir um mapa não é um decalque [...] Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói” (Deleuze e Guattari, 1995: 21).

muito, algumas vezes interrompia as aulas por seu comportamento, era o tipo de estudante que não gostava dos professores. Mas, também, aquele que fazia perguntas com propriedade. Gostava de sair sempre da sala, ficava fora nos intervalos e falava na porta com seus outros companheiros de outras séries, era multifacetado.

Chegou o momento das oficinas de Geometria. Começamos nossas primeiras atividades. Ele, moço ativo, perguntando tudo, ajudando aos seus companheiros, tentando fazer as coisas para acabar primeiro. Surpreso por ter compreendido o teorema de Pitágoras<sup>10</sup> por meio de um quebra cabeça. Não esqueço esse dia quando ele o construiu. Antes dele iniciar a atividade não acreditava que o desenho de um triângulo e dois quadrados iam dar como resultado um quadrado maior: “Sora!! isso é impossível! –eram suas palavras, logo grita!! Consegui! Não acredito! No começo foi difícil. Você vê um quadrado grande lá e aquele monte de peças maiores que o quadrado... olhando assim, não dá para acreditar que vai caber tudo dentro daquele quadrado ali...É. Você pensa: “Não vai caber.” Aí você tentava e dava certo”.

Era só pensar além das coisas, disse. Assim, surpreendi-me no momento que fiz os mapas narrativos como ele. Uma pessoa quieta, seus pensamentos coerentes, trabalhador, uma conversa amável, seguro de si, mas, com um pensamento presente na sua fala: “a EJA é um lugar só para estudar, assim, também, para ele no seu desenho, sacou uma conclusão, Agora parece uma igreja com nome de escola”.

FIGURA 1: MAPA NARRATIVO – ESCOLA



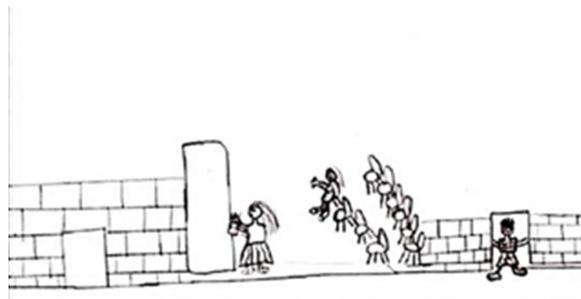
Fonte: Ruidiaz, 2014.

Demorou mais de 30 minutos para fazer esse desenho. Não conseguia lembrar como era sua própria escola. Queria saber que era a sala de aula para ele, tinha curiosidade porque não sabia como desenhar a escola —seu território durante todo o ano—. Perguntei, tão difícil desenhar a escola? Ele não respondeu, só continuo desenhando. Continuando, lhe fiz uma pergunta, que há tempos queria fazer para ele, porque ele era um menino que saía muito da sala de aula, e saía cedo antes de acabar a jornada da escola. Perguntei-lhe se tinha a liberdade de sair da sala de aula, mesmo assim sem permissão dos professores: “Eu falo que eu tenho que sair mesmo. Eu falo, quando eu não quero ficar na sala, eu falo que eu não quero ficar na escola e vou embora. Então você tem liberdade de fazer isso? Eu falo a verdade, né? Eles perguntam para que e eu falo a verdade... não tem porque esconder. Se eles não quiserem deixar eu sair, aí é com eles. Mas quem vai se ferrar depois, se não fazer

10. Oficina 8: Teorema de Pitágoras por meio de um quebra-cabeça.

as matérias, a recuperação de faltas, é eu”. Foi assim, quando terminou de falar, fazendo o seguinte desenho, em que lhe perguntei onde era seu lugar na sala de aula?

FIGURA 2: MAPA NARRATIVO – SALA DE AULA

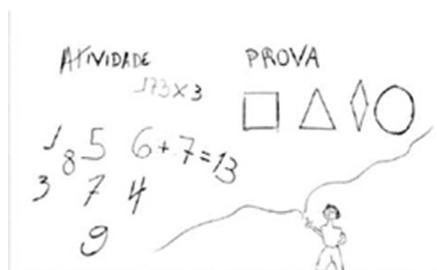


Fonte: Ruidiaz, 2014.

Por que se desenhava entre o dentro e o fora da sala de aula? Perguntei-me, parecia que seu desenho tentava mostrar sua liberdade, assim que fiz essa pergunta para ele, olhou seu desenho e sorriu, e deu a resposta na hora: “eu fico aqui (na entrada da sala) na hora que a professora não está explicando muita coisa. Quando ela está corrigindo, essas coisas, eu fico ali fora... fico lá dentro quando eu não entendi”. Foi uma resposta rápida.

Continuou desenhando, agora era a sala de aula de Matemática e começou a desenhar símbolos matemáticos, escreveu a palavra provas, e assim como a matemática num mundo diferente a sua realidade.

FIGURA 3: MAPA NARRATIVO – SALA DE AULA DE MATEMÁTICA

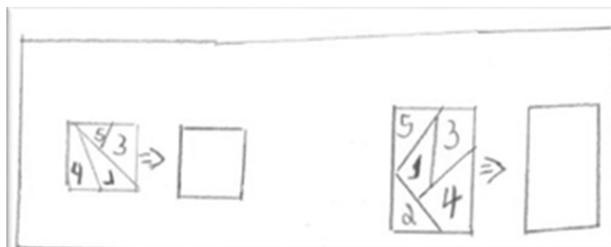


Fonte: Ruidiaz, 2014.

E assim em meio à nossa conversa fiz uma pergunta: como é sua aula de Matemática? Como é a comunicação dentro da sala de aula com a professora? Desenhando os números falava ao mesmo tempo: “Ela passa a matéria dela. Exercícios... ela sempre passa, depois explica para nós. Explica bem para a gente pegar e aprender. Ela explica, depois dá os testeinhos, passa na lousa.... Depois ela corrige com a gente, para a gente ver os nossos erros. É legal a aula. A aula que eu acho que me sinto bem mesmo é de matemática...”. Perguntei se a professora tira dúvidas. Ele responde: “Se tem dúvidas vai lá, pergunta para ela, ela mostra...”

Continuando nossa conversa, ele bem sentado com uma voz forte, olhando-me aos olhos, nesse momento queria saber como era sua opinião com as oficinas, o que percebeu e como se sentiu nelas, mas para ele foi difícil desenhar, optou por falar e desenhar uma atividade que se fez na sala de aula.

FIGURA 4: MAPA NARRATIVO – OFICINA DE GEOMETRIA



Fonte: Ruidiaz, 2014.

Aliás, ele responde depois: “Foi diferente. Todo mundo estava ali ativo, fazendo, participando, um ajudando o outro, aquelas coisas do quadrado lá, de encaixar... Uma experiência nova, né? Porque a gente não tinha ainda apreendido... e quanto a comunicação dentro dela eu continuei perguntando, Foi bom. Ah, explicou certo, explicou direitinho também. Quando eu chamei... deu assistência. Foi boa a aula. Gostei. Mais fácil. Dá para entender melhor, né?” E a comunicação também, como a percebeu? “Tem mais comunicação. Porque você estava sempre ali, em cima, para estar mostrando, ensinando... a aula de matemática ela fica mais lá gente ensinando, né? Mais na lousa. Daí quando você chama ela sempre, dá atenção, explica na mesa... mas você tem mais contato com essa matéria, explica mais, conversa mais, vai aqui, vai ali, todo mundo tenta resolver...”

Precisava saber mais sobre essa relação que ele fazia com as duas salas: a de Matemática e a sala de aula com oficinas de geometria. Assim, quando começou a desenhar, foi uma conversa muito tranquila, dessa maneira, ele resolveu minha inquietação:

A geometria você vai mexer mais assim, com quadrado, triângulo... vai mexer mais com essas peças, né? Mais com peças. Igual você deu outro trabalho para nós, mais com folhas, né? Montagem. Aqui não [sinalando a sala de matemática, desenho], aqui mais é lápis. Mais a lápis, caneta... escrito, né? Mudou um pouco, não sei. Porque nós já estávamos acostumados, ia ser só com aquele tipo de matéria, aquela coisa de matemática, né? E depois passou outra maneira para nós, de estar fazendo também. Um jeito... mais fácil, né? Mais legal, assim, mais gostoso de estar trabalhando, entendeu? Pelo menos eu achei isso. Os outros eu já não sei, se preferiam aula normal ou...

Finalmente perguntei se tinha percebido alguma mudança dentro da sala de aula, e ele fechou com a seguinte opinião:

Já muda um pouco um clima, né? Porque nós somos acostumados só com isso, só na lousa copiando, respondendo no cano... aqui já não. Aqui é na lousa, você responde no caderno aqui, depois já faz o trabalho que você passou para estar fazendo, montando... não fica numa coisa só, né? Assim é melhor, porque você não fica em uma coisa só. Aqui [sinalando a sala de matemática] é uma coisa só... mesmo mudando a matéria, sempre lê a mesma coisa, copiando da lousa aqui... é mais chato, né? Enjoa mais. Aqui não, [sinalando as oficinas].

FIGURA 5: MAPA NARRATIVO –DIFERENÇA S.A MATEMÁTICA E S.A COM OFICINA DE GEOMETRIA.



Fonte: Ruidiaz, 2014

### Personagem rítmica: Laura

Existem pessoas que só ao olhá-las devolvem esse olhar com um sorriso. É o caso dela. Laura, uma mulher com 45 anos, sempre carregando um sorriso, participando de todas as atividades, perguntando sem temor, até ficar sem nenhuma dúvida. Seu lugar na sala de aula era um canto, gostava de observar a todos na sala e tinha uma companheira de trabalho, elas duas gostavam de trabalhar, ajudavam-se, dispostas a aprender na sala de aula e a perguntar sem nenhuma vergonha.

No transcurso de nossa conversa ela teve muitos desassossegos e muitos incômodos. Percebi com seu corpo e sua voz uma raiva interna, o primeiro incômodo que eu senti dela foi quando ela começou a falar de algumas dificuldades que ela tinha para aprender. “A minha mente não acompanha, sei lá. Sabe? Na terceira explicação, na quarta explicação é que eu consigo entender a matemática. Às vezes pego assim... às vezes acabo não pegando nada. Uma raiva de mim mesma, viu. Mas eu gostaria de aprender. Igual, no português eu tenho uma dificuldade de fazer o R, meu R é terrível. É que eu fiquei muito tempo sem estudar”. Por que parou de estudar, o que aconteceu na sua vida para que isso acontecesse? “Eu quando estava estudando, eu tinha... acho que a última vez que eu fui para a escola, eu estava com 16, 17 anos. Depois trabalhando, trabalhando, tinha meu pai, a mãe, tudo, né? Eu não tinha como estudar, sempre ajudando meus pais, né? Então...”

Dessa maneira continuamos a conversar enquanto ela desenhava a escola:

Houve um momento que ela parou de desenhar, olhava-me nos meus olhos diretamente, com uma mirada de raiva e dizia:

Tem algumas coisas que não entendo aqui, e a verdade não gostaria de entendê-las”. [Começou o desassossego] Eu acho que a direção tem que tomar uma atitude e a atitude da direção prevalecer, você entendeu? É sim, é sim. É não, é não. Não tem esse negócio de que é filhinho, é mandado pelo juiz, que está cumprindo ordem, não sei o que... acho que você não estuda tanto tempo, para depois um bandidinho vir aqui e enfrentar você. Entendeu?

—Acontece muito isso aqui?

Acontecia porque nesse semestre não tem mais desses estudantes. Mas eles enfrentam a direção, eles enfrentam os professores... olha eu trabalhei na Casa Escola FEBEM. Conhece? Sabe o que é a FEBEM? Não, sei não. É uma prisão, uma prisão de menores. Eu trabalhei numa prisão de menores. Eu sei como são eles, eles matam você sorrindo. Eles são traficantes, tudo, tudo... assassinos, são tudo. Eles sabem que o juiz que autoriza eles a ficarem aqui na escola, devia construir uma sala do lado da sala dele lá no Fórum e pôr eles lá dentro, para ver quanto tempo ele aguentava...o

FIGURA 6: MAPA NARRATIVO – ESCOLA



Fonte: Ruidiaz, 2014.

juiz que autorizou eles a virem aqui para a escola, para fazer baderna, desrespeitar direção, desrespeitar professores, devia fazer isso.

—Eles não deveriam estar aqui na escola?

Eu acho que não, para mim não. Para eles estarem na escola, eles tinham que seguir a disciplina do presídio... porque lá no presídio... só tira a mãozinha daqui quando a pessoa fala que pode tirar, só come quando eles autorizam...lá não tem esse desrespeito que tem aqui e eles sabem disso. Lá é: “Sim senhor. Não senhor. “O juiz que autorizou você a estar aqui, devia fazer uma sala... ou pôr na casa dele, que ele não quer ou no Fórum... Então eu acho que não devia frequentar aula, entendeu? Devia fazer de um outro jeito.

—Qual seria?

Serviço comunitário, sabe? Ajudar pessoas pobres, varrer rua... fazer qualquer coisa. Aprender é que...sabe? A escola não é lugar para eles? Não. Não. E a escola não os ajudam para que eles se sintam melhor aqui ou pelo menos para que se esforcem um pouco para estudar? A escola dá tudo para eles serem alguém, mas eles não querem, então não adianta forçar. Não adianta forçar uma coisa que você não quer. Você entendeu? Se você não gosta de arroz com feijão, eu não posso forçar você a comer. Não adianta forçar.

Nesse momento ela respirou profunda e disse: “vamos passar ao outro tema”. Dessa maneira, ela começou a desenhar a aula de Matemática e eu perguntei como é uma aula de Matemática? “Do jeito que a professora ensina?” Sim. “Ahh é muito legal porque ela explica na lousa, faz exercícios a gente depois faz mais exercícios, se você não entendeu, ela explica de novo, e assim. Sempre é assim. Ao final você consegue fazer os exercícios”.

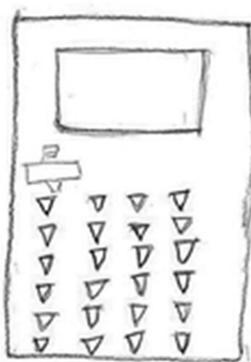
Depois ela continuou falando das oficinas:

Foi interessante, eu acho, fazer aqueles quadrados, entendeu? É uma dificuldade, né? É uma coisa muito simples, mas ao mesmo tempo fica dificultosa, né? Porque você tem que prestar muita atenção, senão você não consegue fazer, né? Comentei até com a minha filha, a minha filha mais velha. Eu falei para ela: “Tem uns papelzinhos aqui vou fazer você fazer os quadradinhos”

## — O Tangram?

Sim esse. “Ah, meu Deus”. Engraçado... eu lembrei de você. Eu estava indo no mercado, eu estava saindo. Um caminhão que tinha um negócio... sabe assim? Aquele negócio que você desenhou... você desenhou assim. Foi fazendo assim, assim, assim, sabe? [Desenhando um quadrado com o lápis] Então, era o desenho do caminhão isso. Estava no caminhão, aí eu falei assim para as crianças: “Sabia que aquilo ali é um quadrado?” “Como assim um quadrado?” “Aquilo ali é um quadrado, ele vira aquilo ali.” Aí fui explicando para as crianças, falei: “Foi a professora...” Eu lembrei disso na hora. Eu adoro. É interessante aprender assim, né? Eu acho que é interessante fazer essas coisas.

FIGURA 7: MAPA NARRATIVO – AULA DE MATEMÁTICA



Fonte: Ruidiaz, 2014.

### Personagem rítmica: Maria

Compor um território, perceber o que está ao redor não é tarefa fácil. Ninguém falou que o fosse e ainda mais sabendo que é o caminho percorrido para desemaranhar o dispositivo. Mas sempre estão no território personagens que querem ser não visíveis, por tentar ficar mais tranquilos e comportados dentro da sala de aula. Assim é o caso da Maria.

Sempre estava na primeira fila, não perguntava muito à professora, mas sempre atenta e escutando tudo o que falavam. Quando tinha alguma dúvida preferia ir falar diretamente com a professora do que perguntar da sua cadeira. Nas oficinas, percebi que sentiu dificuldade em fazê-las, algumas vezes perguntava aos seus companheiros o trabalho que tinham que fazer. Outras vezes, ficava perto de mim para me perguntar. Não ficava com a dúvida, tinha muito diálogo comigo e com os outros.

Ela, morena, empregada doméstica, com três filhos e um esposo que a deixou estudar depois de vir do Pernambuco ao compreender que aqui, não poderia sozinha, arcar com os gastos da casa. Com vinte e nove anos, sabendo que foi a melhor decisão de sair do Nordeste para que seus filhos tivessem uma melhor educação, segundo fala dela. Um diálogo muito bom criado por meio dos mapas narrativos. Eu sendo pesquisadora, trocamos ideias. Perguntava sobre minha vida, conhecemos, com um sentido um pouco peculiar sobre a liberdade dentro da escola, porque foi à primeira fala dela por meio do desenho da escola.

Para ela o sentido de liberdade é: “eu acho que pode fazer o que quiser”. Mas, fica irritada porque ali todos fazem o que quiserem. Sobretudo os mais jovens:

Eu fico irritada aqui com esse povo? Porque isso acontece? Porque... assim, no meu caso. Eu sou mãe de família, muitas vezes não dá para eu vir na escola e a diretoria não entende isso. Aí eu tenho que fazer prova, para compensar a minha ausência, fica dizendo que vai repetir a pessoa... mas não tenho nota vermelha não. E os vagabundos que tem aqui, faz o que quer... desistiu um monte, mas vamos ver no final, quando concluir a oitava, na festa, se não vai estar tudinho aí.

FIGURA 8: MAPA NARRATIVO – ESCOLA



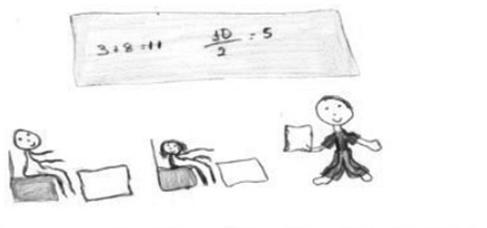
Fonte: Ruidiaz, 2014.

E para ela a razão principal disso acontecer é pelo seguinte: “É porque essa escola não tem muita moral não. Mas não os professores é a direção, deixar fazer o que quiser”.

Um sentido de vida de uma mulher trabalhadora que vai à escola porque quer aprender e, nesse sentido, também está sua visão de família e trabalho. Eu fiquei surpresa, quando me falou o seguinte:

Meu filho, o mais novo, né? fala: “Ah, eu quero ser professor mãinha” Eu digo: “Th... procura outra profissão meu filho” O do meio não quer trabalhar não. Eu falei: “Você vai trabalhar moço, quando fizer 14 anos estou procurando serviço aí para você.” Aí ele fala: “Não é vocês que vão escolher meu emprego, é eu mesmo. Eu vou trabalhar no que eu quiser” O mais velho agora que está com 12, o do meio tem 9 e o caçula tem 7... até esses meninos estarem trabalhando, meu Deus.

FIGURA 9: MAPA NARRATIVO - SALA DE MATEMÁTICA



Fonte: Ruidiaz, 2014.

Uma troca de vida fiquei muito pensativa no momento da nossa conversa é uma realidade o que acontece dentro das famílias e as suas relações. Continuando com a conversa uma maneira pela qual ela ficou surpresa foi das oficinas. “Estranho, né? Porque eu nunca vi falar que estudaria isso na aula de matemática. Assim é mais fácil. Mais ainda pela troca que se gerou na sala de aula percebeu ela: Então a gente perguntava, um perguntava para o outro. Porque para ela a sala de matemática tinha que ser assim”. Segundo ela: “A gente faz exercícios, ela explica, né? Tem que ser assim, foi como a aprendi”.

Ela sentiu a diferença da minha intervenção com a aula normal, com as oficinas. Além disso, chegava em casa falando do que tinha acontecido na sala de aula e o que eles estavam fazendo.

Eu senti diferença, é diferente. É o jeito de explicar, de ensinar e como é que eu vou fazer isso aqui no papel. A diferença que eu senti é assim, a sua aula que você fez lá, dos triângulos, os desenhos, eu não ia imaginar que isso fazia parte da aula de matemática, sabe? Quando eu cheguei em casa eu disse para o meu marido: “Nossa! Hoje eu cheguei com a cabeça quebrada. “A professora que está lá deu um quadrado que é para virar um triângulo, depois o triângulo era para virar um quadrado e eu não sei mais onde vai parar.

FIGURA 10: MAPA NARRATIVO – DIFERENÇA S.A MATEMÁTICA E S.A COM OFICINA DE GEOMETRIA



Fonte: Ruidiaz, 2014.

Dessa maneira para ela seu jeito de aprender foi:

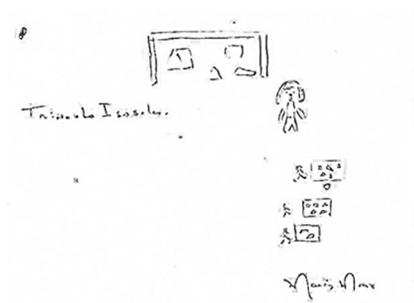
Ah sim... o jeito que eu aprendi? Você fazendo uns desenhos lá, recortando umas coisas para fazer... achei mais interessante aquele outro lá, que você trouxe. Aqueles triângulos que você trouxe, coloridos. Um triângulo virou navio. Jamais eu... é isso aí, foi diferente. Assim, a professora tinha conversado uma semana antes de você chegar, sobre isso, Teorema de Pitágoras. Só que foi as contas, né? Ela fazia os triângulos, circunferências, trapézios, mas foi as contas, não foi assim desse jeito, que poderia fazer várias fórmulas com um triângulo. Aqui eu não consigo colocar isso, (sinalando a aula de Matemática), na oficina você fez a compreensão. Aqui é a matemática... só isso fórmulas.

### Personagem rítmica: Adela

Em uma sala de aula, existem muitos mundos num só. Diferentes visões do mundo, da vida e, sobretudo da sua própria escola. Adela é uma mulher tranquila de 57 anos participou em todas as atividades feitas. Mas, sempre foi dessas pessoas que pouco perguntava, mas, era muito observadora. Uma pessoa quieta como disse ela. Assim, o dia da nossa conversa eu lhe perguntei se ela gostava do lugar onde estava, é dizer, da sua escola, dos seus companheiros, do seu espaço (fazendo o desenho da escola).



FIGURA 13: MAPA NARRATIVO – OFICINAS



Fonte: Ruidiaz, 2014.

## Conclusões?

“Yo he preferido hablar de cosas imposibles porque de lo posible, se sabe demasiado”  
SILVIO RODRÍGUEZ (1978).

Os mapas narrativos deram toda uma paisagem tornando-se expressivas diversas produções de subjetividades, diversas marcas encontradas ali, pois tudo é “questão de vida ou morte”. A sala de aula deveria ser pensada como um espaço de micro-revoluções. Por que não fazer o mínimo? Precisamos além de vontade, desejo. Essa é a base fundamental para tentar fazer o mínimo. Essa deveria ser nossa bandeira e não a bandeira de continuar reproduzindo o mesmo —esse mesmo que até hoje não deixa o corpo criar, fraturar e, nem muito menos, ser livres de nossas próprias ataduras. Assim, a cartografia com seus mapas narrativos são elementos fundamentais para dar língua àquelas marcas que pedem passagem. Além disso, procuram tornar visível o não oculto, podendo de esta forma dar um panorama geral do que está acontecendo na EJA. Ademais, as oficinas como elementos acionadores, gerou, deslocou e fraturou as relações de poder dentro da sala de aula.

Antes de fechar estas últimas linhas, lhes asseguro que ainda faltam caminhos por percorrer e por isso é difícil falar de conclusões. Precisam-se criar espaços que revertam o sistema estabelecido, pois não podemos fugir de nosso labor como educadores, uma vez que se trata de um ato de coragem. Sendo assim, não falaremos de conclusões enquanto nossa luta ainda não está concluída.

## Referências bibliográficas

- Alvarez, A., e E. Passos (2009), Cartografar é habitar um território existencial, em E. Passos, V. Kastrup. e L. Escóssia (org). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade* (Pista 7), Porto Alegre: Sulina, pp. 131-149.
- Amaris-Ruidiaz, P. (2016), “O que podem as oficinas de Geometria? Cartografia de uma sala de aula da Educação de Jovens e Adultos”, em *Revista UNION*, num. 45, pp. 132-151.
- Andrei, D. (prod.), S. Aleksandr (dir.) (2002), *A Arca Russa*, Rússia.

- Baudelaire, C. (1997), *Sobre modernidade: o pintor da vida moderna*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Bovo, A., G. Gasparotto, M. Rotondo, A.C.C. De Souza (2012), “Pesquisando práticas e táticas em educação matemática”, em *Bolema. Boletim de Educação Matemática*, num. 41, vol. 25, pp. 1-41.
- De souza, A. C. C., M. Tuchapesk (2015), “Do conceito à prática da autonomia do professor de matemática”, em *Bolema. Boletim de educação matemática*, num. 53, vol. 29, pp. 1309-1328.
- Deleuze, G. (2005), *Foucault*, Claudia Sant’Anna Martins (trad.), São Paulo, Editora Brasiliense.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1995), *Mil platôs - Capitalismo e Esquizofrenia*, v. 1, Rio de Janeiro, Ed. 34.
- Escóssia, L., e Tedesco, S. (2009), “O coletivo de forças como plano da experiência cartográfica”, em E. Passos, V., Kastrup, L. Escóssia (org), *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade* (Pista 5), Porto Alegre, Sulina, pp. 92-109.
- Foucault, M. (1999), *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*, Raquel Ramalhe (trad.), Petrópolis, Vozes.
- Freire, P. (2002), *Pedagogia do Oprimido*, São Paulo, Paz e Terra.
- Kastrup, V. e Barros, R. B. (2009), “Movimentos-funções no dispositivo na prática da cartografia”, em E. Passos, V. Kastrup, L. Escóssia (org), *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade* (Pista 4), Porto Alegre, Sulina, pp. 76-92.
- Machado, A. (1989), *Poesías completas*, Madrid, Espasa-Calpe.
- Mello, T.D. (1982), *Faz escuro mas eu canto*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Passos, E. e R. Barros (2009), “Por uma política de narratividade”, em E. Passos, V. Kastrup, L. Escóssia (org.), *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade* (Pista 8) Porto Alegre, Sulina, pp. 150-172.
- Pires, A.M.G.D. (2006), “Metodologia do devir”, em *Verbo de Minas: letras*, num. 5, vol. 9, pp. 169-179.
- Rolnik, S. (1987), “Cartografia, ou de como pensar com o corpo vibrátil”, em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil> (consulta 12 de maio, 2016).
- Rolnik, S. (1997), “Uma insólita viagem à subjetividade fronteiras com a ética e a cultura”, em *Cadernos de Subjetividade*, em <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm> (consulta 12 de maio, 2016).
- Rolnik, S. (1993), “Pensamento, corpo e devir uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico”, em *Cadernos de Subjetividade*, num. 2, vol. 1, pp. 241-251.
- Rodríguez, S. (1978), "Resumen de Noticias". *Al final de este viaje* [CD audio], Madrid, Sonoland de Coslada.
- Ruidiaz, P. J. A. (2014), *O que podem as oficinas de Geometria? Cartografando uma sala de aula da EJA*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, SP, Brasil.
- Silva, M. T. et al. (2013), “Mapas e Cartografia em Educação Matemática”, em *Anais do XI Encontro Nacional de Educação Matemática* [CD], Curitiba, Paraná, p. 1- 8.1.